

RETRATO DE UM BANDIDO

23/7/82 - por Jacinto Khossa (texto) e Luís Souto (fotos)

Quem o vê pela primeira vez e sem conhecer a sua história, com aquele seu sorriso permanente, pode pensar que está na presença de um simpático e inofensivo cidadão. É verdade que em tempos ele foi simpático, inofensivo e trabalhador lá para as terras de Chirara, em Matuca.

Mas a sua vida sofreu uma profunda transformação um certo dia: Os matsangas chegaram a casa da minha irmã lá na localidade de Pandel, em Rutanda. Apanharam-me lá e levaram-me consigo para a base de Pandel. No mesmo dia em que cheguei desamaram que eu iria receber treino militar para depois entrar na luta delas, mas que de momento eu iria ser instruído no sentido de andar a roubar comida às populações.

«As instruções eram de que quando chegassemos a uma aldeia ou local onde vivem pessoas, a primeira coisa a fazer é apresentarmo-nos e depois pedir a comida e as populações se recusassem a dar mantimentos devíamos utilizar a força e utilizámo-la sempre, porque as populações sempre se negavam a dar-nos. Depois destas operações recabi instruções de como desmontar e montar uma arma, bem como meter as balas no carregador. Eu tinha três instructores. O treino durou 3 semanas, duas das quais foram na aprendizagem do manejo da arma e a outra nas técnicas de saques.

PERGUNTA — Depois de treinado, em que consistiu a sua primeira missão?

RESPOSTA — A primeira operação que fiz foi a de queimar uma aldeia comunal, a Aldeia Comunal de Rutanda. Nessa operação éramos muitos. Durante esta operação raptoámos 6 pessoas e depois incendiámos a aldeia comunal. Numa outra aldeia saqueámos três lojas, uma do senhor Alberto, outra do Santos e a terceira era a loja do Short. Na loja do Alberto tirámos 15 sacos de milho. Não conseguimos carregar tudo. Na loja do Santos tirámos 5 sacos de milho. Na loja do Short roubámos milho também, mas aqui não conseguimos grandes coisas, só 9 sacos. Ele tinha evacuado tudo para a vila.

P — E depois?

R — Depois fomos até Junho da fronteira e assaltámos uma outra aldeia comunal em formação, mas aqui não encontramos nada mesmo, porque a população daqui tinha já saído. Depois de queimarmos esta aldeia comunal deslocamo-nos à localidade de Zómú onde roubámos a um camponês 90 sacos de milho. Nessa dia tirámos um efectivo de 100 pessoas, tudo gente rapta por aí. Era esta gente que carregava os sacos que le-

mos roubando. Depois deste assalto, o grosso do grupo foi evacuado para a base e ficaram alguns para fazer o reconhecimento dos locais onde houvesse comida.

A medida que vai narrando as suas façanhas, o nosso interlocutor vai ganhando uma inexplicável vivacidade. A forma como as conta e aquele seu sorriso quase nos convenciam estarmos diante de um louco, mas a lucidez das suas palavras devolveu-nos à realidade. Estávamos diante de um homem a quem a febril mentalidade racista fazera um fantoche, um bone-

co que fomos queimar outra Aldeia Comunal. Aqui tivemos um encontro com as FPLM e fomos bem batidos. Isto deu-se em Julho de 1981. Foi durante esta ataque que eu resolvi fugir. Tinha já abandonado a minha arma quando fui detido no controle. Eu não tinha nenhuma identificação comigo e expliquei às FPLM as razões que me levavam a circular sem documentos; então levaram-me.

Mas quem é este em cujo relato só encontramos um rasto de morte e destruição? O leitor dirá se um bandido. Com efeito, trata-se de um ele-



Eu cortei orelhas...



... apunhalei camponeses e...



... destruí aldeias

co humano. Um homem em cuja consciência o Imperialismo plantara a sua infame semente, a semente da morte e destruição. Um homem que terá à sua frente, muitos anos para as tirar, dos gritos de agonia de centenas de pacíficos cidadãos, homens, mulheres e crianças a quem, com a sua «não comandada», deu a morte.

Não era um louco e nem tinha indícios de loucura. Aquele seu sorriso não é maldade do que a única entidade que resta daquela camponês que, em Chirara produzira para a sua esposa e seu único filho. Estava lutando. Confirmam-no os seus depoimentos:

Depois voltámos outra vez para

mento que foi dos bandos armados. Todavia, este elemento tem um nome. Chama-se Elias Raque, a sua idade oscila entre os 30, e 35 anos. É casado, pai de um filho, natural da localidade de Chirara, em Matuca, onde era camponês. Foi rapta em Junho de 1980, na localidade de Pandel em Rutanda.

Agora que sabemos que Elias Raque foi capturado pelas nossas forças, voltamos um pouco atrás e tentamos dar a sua vida nas fileiras dos bandos armados:

P — Certo é que você andava quando saíam em missão?

R — Andávamos em grupos de 10 a 15 pessoas da seguinte maneira: um gru-

po carregava munições, o segundo sacos vazios e o terceiro é que levava as armas.

P — Mas toda a gente que constituía o grupo de onde você veio faz aquilo de livre vontade?

R — Não, tudo é forçado e eles têm que fazer senão são mortos.

P — E você?

R — Se não me sentisse descontente não teria fugido...

P — Quando chegavam a uma aldeia o que é que faziam às estruturas locais?

R — Numa aldeia? O Secretário deve ser morto. O seu adjunto também, a OMM, a OJM, tudo isto é morto...

P — E isso de cortar orelhas?

Quando chegámos a casa dela falou connosco em português e nos nos queríamos que alguém nos falasse em português. Por isso foi morta.

P — Como é que a matou?

R — Com um punhal assim — executa o gesto fático contra o seu peito, e sempre com aquele sorriso que não é sorriso e acrescenta — tinha que ser com punhal que era para ganhar coragem.

P — Mas assim mesmo?

R — Assim mesmo. Era uma ordem se eu não cumprisse seria morto e outro havia de cumprí-la, mas com a certeza que a gente fumava, muitas coisas perdiam a sua gravidade.

P — Você é casado e tem um filho se acontecessem um dia te mandarem cortar orelha à sua esposa ou matar o seu filho você seria capaz?

R — Se mandassem eu cortava... se não cumprisse eles matavam-me...

Aquela voltação a duvidar de sanidade psicológica deste elemento. Contudo, os factos eram evidentes. Elias Raque fora tirado da vida pacífica e passiva de todo o camponês, para uma vida de fera, brutalizado e colossificado. Elias Raque se transformara naquilo que vulgarmente se chama de «apanhado de guerra», aliás esta marca é patente em muitos outros ex-matsangas. Vimos estas marcas em muitos outros casos. São como uma chancela num documento oficial.

Era colossificação de homens, esta brutalização não é outra coisa senão a repetição de factos históricos. Na sua pretensão de dominar o Mundo, Hitler reduziu, com o nazismo, a consciência dos seus soldados a um nível abjecto. Praticou hecatombe em nome da pretensa superioridade racial.

Hoje Pretória, que segue à risca a Ideologia de Hitler, para além de sub-irrigar mais de vinte milhões de negros sul-africanos, pretende ensinar ao nosso Povo a via que deve seguir para o seu desenvolvimento. Por isso, através dos seus comandos especiais ou dos seus locais — os bandos armados — perpetua acções de sabotagem sobre objectos económicos no nosso País, como foi o caso das bóias de sinalização no Porto da Beira e sobre a Ponte do Rio Púnguê. Mas, como ensina o Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Machel, Ninguém pode parar a frente com as mãos. A Revolução moçambicana prosseguirá até às últimas consequências, e, uma vez mais, esqueceremos vitórias com «Vs grande».